

PROCESSOS, MATERIAIS E TÉCNICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES DA PLATAFORMA FREIRE NA REGIÃO DE JUAZEIRO-BAHIA

Giovana Dantas / Instituto Federal da Bahia

RESUMO

Este artigo relata o processo de trabalho desenvolvido durante a formação de professores do Curso de Licenciatura em Artes do PARFOR, na região de Juazeiro e regiões vizinhas, no Sertão da Bahia, a partir dos Componentes Curriculares “Processo Criativo” e “Estágio Supervisionando”. O Curso é oferecido pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB para professores das redes públicas de ensino. Todas as atividades realizadas foram construídas permeando metodologias da pesquisa em arte, e valorizando a criatividade como processo, através do exercício da experiência estética do cotidiano e da investigação de técnicas e materiais disponíveis em cada região.

PALAVRAS-CHAVE

licenciatura; artes visuais; processo criativo; formação.

ABSTRACT

This article describes the work process developed during the formation of teachers from PARFOR Course of Arts, in the region of Juazeiro and neighboring areas, located in Bahia, based on the subjects "Creative Process" and "Supervised Internship". The course is offered by Universidade do Estado da Bahia - UNEB to teachers from public schools. All activities were realized permeating art research methodologies, and valuing creativity as a process through the aesthetic experience of everyday life and investigation of techniques and materials available in each area.

KEYWORDS

licentiate degree; visual arts; creative process; training.

Primeiras paisagens

Entre os anos de 2012 e 2014, realizei algumas viagens ao Sertão da Bahia, especificamente à cidade de Juazeiro, onde está localizado o Campus III da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Viajei, durante este período, com o objetivo de ministrar os Componentes Curriculares “Processos Criativos” e “Estágio Supervisionado” para uma turma de Licenciatura em Artes do PARFOR.

O Curso é oferecido para professores das redes públicas de ensino. Todas as atividades realizadas foram construídas permeando metodologias da pesquisa em arte e valorizando a criatividade como processo, através do exercício da experiência estética do cotidiano e da investigação de técnicas e materiais disponíveis em cada região onde estavam localizadas as escolas de atuação dos professores-alunos. Cada uma dessas regiões tem características econômicas diferenciadas, unidas, no entanto, pelo grande abrigo que chamamos de cultura nordestina.

Nessas idas e vindas, refletia sobre o perfil da turma, seus saberes originais, sua capacidade de extrapolar o conhecimento através de textos, das visitas que fizemos às exposições, do uso da internet como meio de pesquisa e da experiência de cada um em sala de aula, considerando a cultura local. A construção de uma metodologia como processo, ainda que aberta, exigia um trabalho coletivo. Inicialmente, dependia do meu olhar sobre os diferentes contextos culturais nos quais estavam inseridos os alunos de licenciatura. Depois, deveria traçar métodos de formação a serem aplicados nas aulas para os professores-alunos que os colocassem em conexão com o mundo contemporâneo das artes, sem esquecer as suas realidades cotidianas. Em seguida, havia a tarefa de questionar como estes professores estariam atuando nas suas salas de aula, na escola e na comunidade. Existiam princípios e objetivos específicos a serem cumpridos nos programas do PARFOR, mas o sucesso do resultado dependeria de conseguir trabalhar com os alunos numa perspectiva de pesquisa e processo em todas as etapas.

O Componente “Processo Criativo” trazia como proposta original a seguinte ementa:

Desenvolvimento de possibilidades produtivas que atravessassem transversalmente o conhecimento adquirido no currículo central do curso através do exercício do olhar perceptivo e da criatividade, para

elaboração de um produto artístico a partir da experiência pessoal e da utilização de materiais disponíveis, de modo que esta vivência possa ser aplicada com os alunos em sala de aula, enriquecendo o processo formativo do professor como um todo.

Seus objetivos eram aprofundar, ampliar e consolidar a formação acadêmico-científico-cultural dos professores-alunos; desenvolver pesquisas e práticas independentes, realizadas sob o ponto de vista do processo criativo; reconhecer conteúdos relativos às linguagens artísticas, passando por diferentes épocas e contextos culturais; tomar conhecimento das novas configurações expressivas da arte contemporânea; investigar questões relativas à percepção visual e ao processo criativo em especial; explorar possibilidades simbólicas materiais e imateriais do seu cotidiano; construir um produto artístico estabelecendo o exercício do pensamento em rede; refletir sobre o exercício do processo criativo nas práticas pedagógicas, considerando a produção em arte como fruto da pesquisa, da percepção diferenciada e das vivências pessoais.

O “Estágio Supervisionado”, por sua vez, trazia como ementa:

Contextualiza dois processos simultâneos: prática de ensino e prática pedagógica, articuladas entre a reflexão compartilhada no coletivo de colegas e de professor orientador e a vivência assistida pelo orientador de estágio na escola; num processo que se quer integralizado. Reflete sobre a especificidade do campo da Pedagogia das Artes, em especial a das artes visuais e sua articulação com a identidade profissional do educador e a formação continuada. Analisa a organização do trabalho docente no âmbito do campo pedagógico, cultural e artístico, a partir de visita com orientação presencial na sala do professor-aluno. Problematisa o dia a dia cultural, a comunidade e as atividades externas, além da sala de aula, como espaços de produção do saber; e sua relação com as transformações sociais, culturais, artísticas, políticas, econômicas e tecnológicas.

Os objetivos a serem alcançados no estágio deveriam identificar o potencial espacial de visibilidade do seu ambiente de ensino, seja ele a sala de aula, a escola ou a comunidade; promover a articulação de fazeres e saberes, integrando simultaneamente os processos da teoria e da prática do ensino da arte; identificar o cotidiano da ação docente como ponto permanente de reflexões e análises apoiadas no conhe-

cimento da arte e na sua relação com outras áreas, promovendo uma compreensão de mundo mais ampla e o diálogo da escola com a comunidade.

A abordagem dos conteúdos aconteceu através de uma linguagem simples e precisa, criando inicialmente um campo de compreensão sobre os possíveis caminhos a serem seguidos para a realização da pesquisa, como processo de produção artística. Conhecer o universo da arte implicava conhecer um pouco da sua história, dos seus conceitos, sua leitura e a multiplicidade de técnicas e materiais que vigoram na produção contemporânea. O objetivo era fazer com que cada professor em formação vivenciasse seu “universo particular”, com o objetivo de desenvolver um produto artístico e refletir sobre sua prática.

Para relatar esta experiência, selecionei cinco trabalhos que foram realizados pelos professores-alunos, como pesquisa em arte e processo, cujos resultados serão descritos adiante. Interligando sua vivência pessoal à sua produção, na construção de um objeto artístico, os professores puderam refletir sobre as formas de atuação e escolhas de metodologias no âmbito do ensino da arte.

A contemporaneidade e a experiência do cotidiano

Na coletânea de textos “O que é contemporâneo? E outros ensaios”, Giorgio Agamben dedica algumas páginas ao campo das produções poéticas e históricas, num ensaio de mesmo nome, em que propõe certas reflexões sobre este tema.

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58)

Essa citação do filósofo italiano deixou um rastro nas minhas indagações sobre as estratégias de percepção do cotidiano como um caminho natural para a produção de narrativas, sejam textuais ou materiais. Contemporâneo não é aquele que olha para o passado com nostalgia, mas sim aquele que trabalha no sentido de fazer da contemporaneidade uma relação com seu próprio tempo. “O poeta – contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo”. E, ainda, afirma:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias, mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que a todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Michel de Certeau também nos chama a atenção para o fato de que a razão técnica acredita que sabe como organizar, do melhor modo possível, pessoas e coisas, a cada um atribuindo um lugar, um modelo de uso, um papel e produtos a consumir. Mas o homem ordinário escapa a essa conformação, pois ele *inventa o cotidiano*, graças às artes de fazer suas ferramentas de ação, à prática do jogo simbólico, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais ele altera os objetos e os códigos, dando novas formas de uso às práticas, aos espaços e às coisas. Para ele, não importa mais a separação ou definição dos campos “Cultura Erudita” e “Cultura Popular”, mas as operações estratégicas de desvios de práticas e os seus usuários.

Trago um pouco do pensamento de Agamben e Certeau para refletir sobre a proposta de processo criativo na construção do conhecimento na formação de professores, o que pode colaborar para o surgimento de novas linhas de força, operacionais, nos métodos de ensino da arte que vêm sendo utilizados com frequência. Vivemos um momento em que se torna urgente trabalhar os processos criativos, que são diretamente ligados aos processos de pesquisa e ensino.

A pesquisa em arte visuais como processo criativo

A pesquisa em artes visuais implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas. Os acasos, desvios e supostos erros constituem o próprio caminho da pesquisa em arte. Afirma Sandra Rei, pesquisadora da UFRGS:

Para o artista, a obra é, ao mesmo tempo, um "processo de formação" e um *processo* no sentido de processamento, de formação de significado. É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa. A palavra teoria deve ser entendida, nesse caso, muito mais

como um campo de conhecimento específico e interdisciplinar do que como um aparato teórico estanque, aplicável como norma ou verdade inquestionável. (...) E se a obra é, ao mesmo tempo, um processo de *formação* e um processo no sentido de processamento; de *formação de significado*, como afirmado acima, é porque, de alguma forma, a obra interpela os meus sentidos, ela é um elemento ativo na elaboração ou no deslocamento de significados já estabelecidos. Ela perturba o conhecimento de mundo que me era familiar antes dela: ela *me processa*. Também neste sentido, de fazer um processo a alguém: sim, somos processados pela obra. A obra, em processo de instauração, me faz repensar os meus parâmetros, me faz repensar minhas posições. O artista, às voltas com o processo de instauração da obra, acaba por processar-se a si mesmo, coloca-se em processo de descoberta. Descobre coisas que não sabia antes e que só pode ter acesso através da obra. (REY, 2002, p. 125)

Trabalhei com a turma o texto de Sandra Rei (*Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*), que integra a publicação “O meio como ponto zero”, através da sua leitura e discussão, focando a necessidade da aplicação desta metodologia na construção do Projeto de Estágio e no seu desenvolvimento em sala de aula. O texto aborda uma reflexão instigante sobre a pesquisa em arte e o processo criativo. Os alunos foram incentivados a viver seu próprio processo, apoiados no conhecimento das infinitas possibilidades da arte contemporânea.

O processo de investigação criativa e a experiência cultural na construção de um Projeto de Estágio

Apresento, a seguir, parte dos depoimentos dos professores-alunos, contidos nos Memoriais Descritivos dos trabalhos realizados no Componente Curricular “Processo Criativo”. **Neuzete** mora e trabalha em Campo Formoso. Muitos de seus alunos são filhos de trabalhadores rurais nas plantações e beneficiamento do sisal. Alguns alunos também trabalham nesta produção. **Joelma** trabalha na Serra da Carnaíba, uma região de mineração, principalmente de esmeraldas. Seus alunos são filhos de garimpeiros e alguns também trabalham nas minas. **Josigmar** mora e trabalha em Pindobaçu, região da cana-de-açúcar e de fortes manifestações populares. **Marileide** mora e trabalha também em Campo Formoso, onde existe uma farta e variada produção de pedras preciosas. **Vanilde** mora e trabalha em Saúde, que ainda guarda uma rara produção artesanal da cerâmica de origem indígena.

Depoimentos dos professores-alunos

A vida por um fio: mãos e máquinas em movimento (vídeo) / Neuzete Ferreira



Neuzete Ferreira
A vida por um fio, 2012 (vídeo)

“A vegetação da região de Campo Formoso é caracterizada pela caatinga, cerrado e vegetação arbórea aberta. Este clima semiárido da região sisaleira possui longos períodos de estiagem, que são fatores climáticos determinantes para adaptação, implantação e sucesso do sisal que aí é cultivado. Vejo constantemente o desenrolar deste trabalho por onde passo e observo com pesar por ser uma atividade muito árdua. Também pelo risco que as pessoas passam quando estão cortando a folha do sisal porque ela tem espinhos, e as máquinas de desfibramento são extremamente perigosas e frequentemente provocam mutilações nas mãos dos operários. Realizei um vídeo documentário sobre o cotidiano das pessoas que trabalham no beneficiamento do sisal, na região de Tiquara, perto de Campo Formoso. Trabalhei o documentário misturado aos conceitos de videoarte. O barulho do motor me impressiona, primeiro porque os trabalhadores ficam sem nenhuma proteção no ouvido, trabalhando dia após dia. Decidi então usar o som do motor da máquina como trilha sonora”.

A joia preciosa (ensaio fotográfico) / Joelma Cardoso



Joelma Cardoso
A joia preciosa, 2012 (fotografia)

“O tema que trabalhei, escolhendo a fotografia, mostra as dificuldades da mulher em busca da sobrevivência e sua luta por uma vida melhor no garimpo. Passei por um processo muito gratificante em minha vida, pois mesmo morando perto da mineração não conhecia a realidade vivida por estas mulheres. A labuta é muito árdua porque elas deixam a sua família em casa e vão em busca da tão sonhada “esmeralda”. Meu trabalho de fotografia também teve referência da produção de Sebastião Salgado, que faz as pessoas refletirem sobre a situação econômica do local retratado, seja por meio do choque, ou da imagem nua e crua da pobreza, da dor e da fome”.

A rapadura nossa de todo dia (ensaio fotográfico) / Josimar da Silva



Josimar da Silva
A rapadura nossa de todo dia, 2012 (fotografia)

“O que incentivou esse trabalho foi uma visita que fiz ao Engenho da Grota Ferreira, no município de Pindobaçu-BA. Fica localizado numa serra bem distante da cidade, em uma estrada de difícil acesso. A forma de produção é totalmente artesanal, coisa rara, da época do Brasil Colônia. As pessoas que trabalham na produção são simples e humildes e fazem a rapadura para o próprio sustento. Decidi fotografar todo o processo de produção da rapadura, revelando o mundo particular deste saber. ancestral, criando um ensaio, um conjunto de imagens que revelam o cotidiano desta comunidade. A fotografia é uma forma de expressão instigante, pois registra fatos da realidade de uma maneira que possibilita também a construção ficcional. É a escrita da luz. Uma forma de ver e estar no mundo. A fotografia como uma obra de arte transforma coisas e ideias. Decidi explorar esteticamente a luz e as texturas deste ambiente rural, destacando também as cores e as pessoas. No amarelo da rapadura encontramos a vitalidade para o sustento do nordestino”.

.Mulher, pedra rara (fotografia híbrida) / Marileide Carvalho



Marileide Carvalho

Mulher pedra rara, 2012 (fotografia e colagem com pedras)

“As fotografias apresentadas são um testemunho das mulheres do garimpo, mas são principalmente uma construção da arte, ou seja, elas falam por si só como obra, independente do que representam. Estas imagens foram impressas em alto contraste e convida o observador a entrar nesse universo, tanto do garimpo, como da obra, mostrando imagens de mulheres que passaram a vida na extração de pedras preciosas e semipreciosas, na região de Socotó-Campo Formoso. Este trabalho apresenta uma construção híbrida, que mistura fotografia e colagem de pedras, para retratar um símbolo de resistência feminino, que é a mulher do garimpo. Entendo que esta composição altera profundamente a perspectiva de recepção destes signos visuais dentro da arte contemporânea. Mas, neste caso, a linguagem da fotografia é apenas um meio de passagem para uma produção mista, trazendo a imagem fotográfica e uma carga matériaca, que juntas, geram um terceiro sentido. Envolver as imagens com pedras preciosas da região. Tomo como uma das referências obras de Vik Muniz. Fotógrafo, desenhista, pintor e gravador, que faz uso de técnicas diversas e emprega nas obras, com frequência, materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, lixo e poeira. Neste trabalho, dialogo com a obra “*Diamantes para Liz Taylor*”.

O ser e o fazer de Dona Quininha (objeto em cerâmica) / Vanilde Duarte

“Este ensaio fotográfico tem com o tema o trabalho de uma ceramista da região de Saúde, sertão da Bahia. Esta tradição, que já começa a apresentar sinais de extinção me despertou o desejo de investigação. Próximo à cidade de Saúde, no povoado de Paiaiá, encontramos Eurides Alves de Souza, conhecida como Dona Quininha, artesã do barro. Ela tem o propósito de produzir suas peças, mostrando a simplicidade dos seus objetos e mantendo a tradição que passou de mãe para a filha. Usa como matéria prima principal o verdadeiro barro, produto de altíssima resistência e qualidade, produzindo

peças tais como: painéis, potes e moringas, todos moldados à mão, utilizando somente a coiteba (pedaços de cabaça) para dar a forma ao barro, o capuco (bagaço do milho), que serve para cobrir as imperfeições e a mucunã (semente) para acabamento final. Utiliza-se o pilão para quebrar as pedras do barro, que é pisado e peneirado. Esse barro é molhado até ficar consistente. Depois, ela corta e molda as peças em mãos ágeis e experientes até ficar na forma desejada. Feito esse processo as peças são levadas ao forno à lenha, com temperatura elevada. Utilizei a fotografia como o recurso de pesquisa, aproveitando também o seu potencial estético. Ao penetrar no barro e ao criar formas, examinamos pormenores, linhas e texturas. Esta ação prática me ajudou a definir direcionamentos para o Projeto de Estágio.

O Projeto de Estágio e sua realização na sala de aula como desdobramento de vivências criativas do professor-aluno

Apresento, a seguir, o resultado dos trabalhos do Componente Curricular “Estágio Supervisionado”, realizado em sala de aula e na comunidade. Todos os Projetos de Estágio nasceram da experiência do processo artístico, vivida por cada professor no Componente Curricular “Processos Criativos”.

Abstrações em sisal / Neuzete Ferreira



Abstrações em sisal, 2014 (painel confeccionado pelos alunos)

Os alunos confeccionaram objetos utilizando o sisal produzido na região em novos arranjos criativos, diferentes dos modelos vistos no artesanato local. A professora-aluna foi orientada a explorar as possibilidades do sisal em diversas direções com envolvimento da turma em todas as fases da construção do trabalho.

A fotografia em mosaicos / Joelma Cardoso



A fotografia em mosaicos, 2014
Mosaico confeccionado pelos alunos

Joelma realizou o trabalho de estágio com seus alunos em técnica mista, envolvendo fotografia e colagem com pedras semipreciosas. Os alunos ficaram bastante incentivados, investigando materiais locais. Este trabalho vem contribuindo para o estreitamento dos laços de compromisso dos alunos com a escola, o que pode ser percebido também com a diminuição da evasão escolar. Os alunos decidiram dar continuidade à confecção destas obras, no seu ambiente familiar. Existe abundância de material no local para este tipo de trabalho, pois as pedras utilizadas são sobras do garimpo.

Relicários culturais: a memória do reisado “Raízes da Terra” / Josigmar

Josigmar buscou incentivar o fazer artístico através da ressignificação do reisado e seus bens materiais, como roupas e instrumentos musicais. Os alunos, na pesquisa sobre reisados, desenvolveram pequenos relicários com representações dos brincantes. Houve uma intensa aproximação da escola com a comunidade. A culminância do projeto integrou escola, pais e convidados, com uma exposição dos

trabalhos realizados pelos alunos e uma apresentação do reisado “Raízes da Terra”, momento em que todos cantaram e dançaram, participando da performance coletiva.



Relicários culturais, 2014
Objetos confeccionados pelos alunos

O uso da fibra vegetal da região de Campo Formoso na construção do objeto de arte / Marileide Carvalho



Objetos em fibra, 2014 (confeccionados pelos alunos)

Marileide organizou uma mostra dos objetos confeccionados com as fibras naturais locais: bananeira, licuri e sisal. Os alunos estavam interessados e participativos na

apresentação da sua produção, durante a minha visita de estágio. A professora-aluna, empenhada em articular escola e comunidade, promoveu o encontro, na sala de aula, dos alunos com uma artesã local, especialista em fibras naturais, que ministrou uma oficina com este material.

A cerâmica tradicional na cidade de Saúde/BA e sua utilização de forma inovadora no processo de ensino-aprendizagem em arte / Vanilde Duarte



Experimentações com a ceramista Dona Quinininha, 2014

Vanilde preparou para seus alunos uma aula sobre a cerâmica artística envolvendo elementos da história da arte. Em seguida, levou os “pequenos pesquisadores” até a casa de Dona Quinininha, onde eles puderam aprender sobre a dinâmica do barro e praticar a construção de algumas peças. De volta à sala de aula, eles passaram a produzir, criando desvios da técnica original. O trabalho final foi a realização de um grande painel modular, cujas peças foram confeccionadas pelos alunos e queimadas na casa de Dona Quinininha.

Considerações finais

Por muito tempo, a criatividade foi considerada um dom divino. Sabe-se, porém, que todos podem desenvolver-se criativamente no seu cotidiano, através da experiência e da educação. Envolver os professores-alunos do PARFOR no processo criativo em arte foi essencial para o começo de uma compreensão acerca do que seria trabalhar na escola aderindo a esta prática. Estamos falando do afloramento da percepção, da visão múltipla, interdisciplinar, necessária a qualquer área do saber e indispensável nos cursos de Licenciatura em Arte.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BACHELAR, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BIASOLI, C. L. A. *A Formação do Professor de Arte: do ensaio... à encenação*. Campinas: Papyrus. 1999.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Pós produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins, 2009.
- COUTINHO, Rejane G. A formação de professores de arte. In: BARBOSA, A.M. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2011.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano-1. Artes do Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FRANZ, Teresinha Sueli. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.
- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (Orgs.). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- SALES, Cecília de Almeida. *Redes de criação. Construção da obra de arte*. São Paulo: Ed. Horizonte, 2006.

Giovana Dantas

Professora do Instituto Federal da Bahia. Graduada em Artes Visuais e Doutora em Artes Cênicas pela UFBA. Trabalhou no Curso de Licenciatura em Artes do PARFOR (2010–2014). Produz fotografia, objetos, videoinstalações. Usa materiais orgânicos como couro de porco. Na Residência Artística, Instituto Sacatar, Ilha de Itaparica-BA, produziu “Imanências do Mar” (MAM-BA/2008); “Insustentável Leveza” (Caixa Cultural São Paulo e Recife/2013).